

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE.. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS GLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O caso de Sergipe. — A sua tranquilla consumação. — O contagio do salutar exemplo. — A olygarchia do Ceará põe as barbas de molho.

O caso de Sergipe passou tranquillamente, como um defuncto sem choro, para a vala commum dos factos consummados, considerado um accidente que não interessou a ordem constitucional, nem os destinos da nossa gloriosa politica. Dois deputados, dois apenas, cumpriram o piedoso dever de lançar sobre elle a pá de cal do olvido.

Essas mutações, ás vezes tragicas, como em Matto Grosso, ou comicas como aconteceu em Sergipe, não provocam as commoções da surpresa; são muito sedições na historia dos governos sem raizes na opinião, governos sem idéaes, sem o estimulo do patriotismo, apoiados exclusivamente na força que elles pagam, nas armas mercenarias entregues a servidores sem fidelidade. No dia em que os pretorianos verificam que o poder está nas suas mãos, que elles são o arbitro, a peça essencial do mechanismo, a base unica do prestigio de potentados oppressores, se transformam de instrumentos cegos, em agentes demolidores com todos os excessos da apostasia dos inconscientes.

Os dominadores de Sergipe não se apavoraram á impressão do inopinado. Uma carêta da força policial, alguns tiros de carabina disparados a esmo revelaram-lhes o que valiam. A rija, a apparatusa machina politica que se antolhava um blóco de vigor ineluctavel, se amolegou em cêra inconsistente. O organismo dominador consistia num monstruoso ventre, não tinha cabeça para deliberar, nem braços para resistir, para defender-se; era um sacco, em cujo fundo, virado pelo avesso, se encontraram, apenas, alguns vintens.

A capitulação vergonhosa dos donatarios de Sergipe, além de um acto de rara cobardia, foi uma demonstração de que elles se julgaram, em consciencia, dignos do isolamento em que se encontraram quando lhes fugiu o unico apoio, as muletas de réffes e carabinas. Capitularam sem resistencia que salvasse, dignamente, as apparencias, cuidando apenas de remover um perigo pessoal, perdendo tudo, até a honra, nesse incomparavel desastre moral.

Que deveriam fazer — objectar-se-á — esses homens colhidos de repente na desolação do desamparo, sentindo em torno delles ampliar-se o vacuo, o decisivo silencio da abstenção de todos os

dedicados amigos, de todos os fervorosos adeptos da vespera, de todos os asséclas ambiciosos?

Não responderiamos — «que morressem», como indicaria, aliás, o dever antigo consagrado nas tragedias, porque elles bem sabem que sacrificios sublimes são resultados de convicções, são mandamentos de abnegação pelas causas nobres. Elles não se reputavam lealmente jungidos á responsabilidade do mandato a que era extranho o povo sergipano, por elles expoliado da sua soberania: pilhados em flagrante como detentores criminosos, largaram a coisa furtada e fugiram precipitadamente.

E não ficou nisso a indecorosa defecção: chegaram ao cumulo de vergonha, ratificando, nos termos da mais detestavel humildade, a deliberação de renunciarem espontaneamente, sem a mais ligeira coacção, quando no dia anterior tinham pedido a intervenção do Governo Federal, como extremo recurso da salvação de uma situação desmoralizada.

E são desse tópe todos esses acciolys que envergonham a especie humana e a Republica, mesmo quando cáem. Oppressores arrogantes curvam-se ao primeiro abalo, implorando ao vencedor misericordia que não merecem. São dessa fragilissima envergadura, desarticulada e frouxa, esses homens atirados aos fastigios pela acrobacia da politicagem aventureosa, insensíveis aos impulsos do civismo como as instigações dos instinctos do brio, da defeza pessoal que a natureza deu, mesmo aos animaes inferiores.

Causa pungente magua, um penetrante movimento de lastima, recordar que esses acciolys engordam ao carinho do Governo Federal, crescem e preponderam abrigados no prestigio d'elle, á sombra de uma tolerancia malfaseja, cega, compensada por todas as subserviencias, inspiradas pelo apego ao poder.

Temos sobejamente dito, e não faz mal repetir na hora de decadencia, na hora dos abyssinos, aquillo que tanta vez advertimos ao honrado sr. Rodrigues Alves no apogeu da sua influencia: esses parasitas não resistiriam a um ligeiro sopro do poder quando lhe adheriam ás botas como poeira deleteria, agóra consolidada em incrustações perigosas. Mas s. ex. violentava os impulsos do seu asco, amordaçava a generosa vóz das suas convicções, sophismava o seu dever immolando-o ás celebres conveniencias do momento, suppondo com essa transacção remover todos os obstaculos ao seu plano de administração. E assim pagou por alto preço adhesões hypocritas, consentiu que se fôsse perpe-

tuando o regimen de falsificação da soberania, de conspurcação dos principios democraticos.

Si s. ex. agiu de boa fé, está agora, sob a miseravel lapidação dos submissos incondicionaes de recente passado, tragando as amarguras da desillusão, lamentando os carinhos dispensados a essa corja de ingratos.

Sirva, ao menos, isso de lição proveitosa ao sr. Affonso Penna, resolvido, como parece, a procurar no seu criterio pessoal, nas informações «de visu», as inspirações essenciaes do seu plano de governo.

* * *

O caso de Sergipe é uma reproducção atenuada do caso de Matto Grosso, resultando da comparação que o presidente Paes é uma figura destacada com traços de heroismo ao lado dos timidos capituladores ante um simples arreganho de uma milicia com os soldos atrasados.

As duas deposições, com tão diminuto intervallo uma da outra, (circumstancia que assusta, cada vez mais, o régulo do Ceará) denunciam o movimento de uma opinião sopitada, privada de suas valvulas naturaes, movimento que tende

a propagar-se por todas as regiões politicas onde se reprodúz o mesmo phenomeno de compressão; movimento de desespero provocado pelo desespero de encontrar dentro da Constituição meios pacificos de resolver situações absurdas.

O exemplo será contagioso por trazer no bojo um incontestavel direito dos opprimidos e será um contagio salutar, civilizador, infundindo energia aos timidos, esperanças aos desilludidos dessa prolongada, dessa heroica resistencia, inutil dentro das fronteiras da ordem.

Foi á impressão dessa ameaça, presentindo com admiravel acuidade os primeiros indicios da tormenta regeneradora nos horisontes longinquos, que o velho satrapa do Ceará augmentou para o dobro a sua legião de pretorianos e confiou-a á fidelidade do seu carissimo genro, um genro que, como toda a incomensuravel familia, vale o que peza no orçamento do Estado.

Mas... é possivel que elle não tenha contado com um perigoso factor — a suggestão da traição, que é um delicioso vezo da consciencia de mercenarios.

POJUCAN.

Theoria organica das sociedades

As duas principaes correntes philosophicas do seculo que findou, o positivismo e o spencerismo, dividiram o pensamento moderno.

Nessa grande batalha em prol do desenvolvimento do espirito humano, quem terá ficado com a melhor parte : o auctor da *Politica Positiva* ou o dos *Primeiros Principios* ?

Ninguém poderá negar ao primeiro uma das mais poderosas mentalidades de todos os tempos. Debalde, a intolerancia fradesca e imbecil lhe injuriá a memoria, trazendo á tona da discussão a loucura de que foi accommettido o genial pensador. Os principios fundamentaes de seu systema são traços luminosos que hão de perdurar eternamente como documentação de methodo e saber. Mas Augusto Comte commetteu o grande peccado (que os orthodoxos me perdõem a audacia) de pretender traçar raias ao espirito humano.

Os seus discipulos tornaram-se antipathicos, affirmando que depois do mestre é inutil tentar outros conhecimentos, porque elle fechou o cyclo do pensamento, sendo certo, entretanto, que em philosophia não ha ultima pala-

vra e que a alma, em seus alevantados surtos em busca da perfeição e do progresso, irá sempre encontrando o infinito deante de si.

Tal é a comprehensão de Spencer, que, na phrase de Sylvio Roméro, se fundou nas quatro idéas capitaes do desenvolvimento scientifico moderuo : a critica do conhecimento ; o principio fundamental da evolução ; a applicação pratica desse principio á biologia pelo experimentalismo transformistico e a concepção monistica do Universo.

Quer isso dizer que, de um lado, temos Spencer com todas as noções scientificas do seculo, mesmo as que aparentemente se reppellem, como o dualismo de Noiré e monismo de Hæckel, e, do outro lado, Augusto Comte, preso á lei dos tres estados e á systematisação dos conhecimentos adquiridos.

O *fieri*, a lei da evolução, tal como a concebeu o philosopho inglez, é uma coisa semelhante ao espaço, ao oceano sem raias onde vão penetrar todas as grandes correntes do espirito, confundindo-se e completando-se. Dahi, a semelhança que Spencer encontra, não sómente entre todas as concepções humanas, mas entre a evolução

super-organica dos primatas e a das sociedades, que, em suas differentes funcções physio-psychicas, reprodúz os phenomenos vitaes inherentes aos sêres melhormente organizados.

Para elle, a sociedade é um organismo :

1º.—Porque obedece á lei do crescimento, começando pelo germen — o individuo — e terminando pelas grandes aggregações. Assim como na vida animal, segundo os principios geraes da biologia, a existencia dos individuos superiores bazeia-se na vitalidade collectiva de uma legião de sêres infinitamente pequenos, assim tambem, na esphera social, os corpos definitivamente aparelhados, repouzam no individuo que, isolado, nenhuma significação tem.

Por outro lado, si uma cellula, apparentemente sem condições de exito na lucta contra os mais formidaveis agentes exteriores, cresce, alarga-se, modifica-se e individualiza-se, tornando-se homem, não é para admirar que esse homem vença os mais autagonicos elementos, e, de selvagem que era ao apparecer, chegou aos esplendores da civilisação, conquistando os mares e dominando a terra.

2º.—A sociedade, á medida que se

desenvolve, váe se diferenciando, passando do semelhante para o dessemelhante e do simples para o composto, tal como os organismos cujo desenvolvimento physico determina modificações extensivas e intensivas das diferentes partes de que é feito.

Quanto mais elle se aperfeiçoa mais os seus elementos de acção se multiplicam, — na esphera da industria, na esphera do commercio, da arte, ou de outra qualquer modalidade da actividade humana.

A transformação do homogeneo em heterogeneo é o cunho característico da lei evolutiva. Assim como nos invertebrados, por exemplo, não ha propriamente órgãos, assim tambem nas sociedades em começo tudo é embryonario, quer na ordem material, quer na ordem moral. A adaptação e a herança são os processos que determinam o alargamento ou a expansão inconsciente dos órgãos na lucta pela vida.

Nas sociedades novas dá-se o mesmo phenomeno de recapitulação abreviada que Hæckel observou no dominio da historia natural. Diz Spencer: «assim como no embrião de um animal superior se vêem partes importantes dos diversos órgãos apparecerem fóra da ordem primitiva, antecipadamente por assim dizer, acontece tambem que, nos corpos em geral, órgãos inteiros que, na série dos phenomenos da genesis primitiva do typo apparecem relativamente tarde, surgem relativamente cedo, na evolução do individuo.»

E' a mesma lei que o auctor da *Historia da Creação natural* chamou heterochronia, em virtude da qual — a autogenese reprodúz a phylogenese. Na ordem social, esse phenomeno manifesta-se pela reproducção de factos anteriormente observados nos povos que deram origem ás colonias.

3º.—As sociedades, além da estrutura geral semelhante á dos typos animaes, teem órgãos de alimentação, de distribuição e de assimilação, representados nos diversos agentes que os compõem. Em estado primitivo, ellas soffrem certas mudanças sem que isso lhes cauze abalo: assim, um grupo nomade, ainda sem chefe, se divide e continúa a viver como anteriormente, á semelhança dos sêres de

ordem primaria, que, segmentados, se reproduzem de novo, constituindo cada metade um sêr independente.

Nos nucleos completos, não se poderiam cortar certos órgãos de relação, da mesma maneira que se não póde dividir um mamífero em dois.

Tal é, em imperfeitissimo resumo, a theoria spencereana relativamente á sociologia.

* * *

Como se viu, o philosopho inglez afirma que entre os dois organismos — animal e politico — existem fundas analogias decorrentes da semelhança que o corpo humano apresenta em relação ao funcionamento social, e ensina que o laço commum existente entre os dois organismos está nos principios fundamentaes da estrutura interna e externa de ambos.

Na essencia, porém, na vida espirital, por assim dizer, ha diferenças capitaes entre um e outro, porquanto as unidades vivas que constituem o primeiro — o organismo animal — estão radicalmente ligadas, ao passo que as do outro são livres, embóra regidas por uma dependencia relativa.

Parece que Spencer se serviu dessa comparação sómente como methodo inductivo para chegar ás luminosas conclusões de seu systema.

Tarde, Letourneau Doreste, de Geef, Le Bon, os innumerados adeptos do darwinismo applicado á historia, ao direito e á moral, fundam-se tambem na theoria organica, nem sempre com prudencia, e proclamam o acerto de Spencer applicando-o ao estudo em questão.

Entre nós, salientam-se, neste particular, Clovis Bevilacqua, que combate os exaggeros da escola, ficando num meio termo equilibrado e sensato; Martins Junior, Arthur Orlando e muitos outros, inclusive o talentosissimo sergipano Fausto Cardoso, que tentou applicar ao direito, em toda a linha, o monismo de Hæckel, sendo, a meu ver, victoriosamente combatido por Sylvio Roméro.

Entre os que levaram a theoria organica ás ultimas consequencias, destacam-se dois escriptores verdadeiramente notaveis: J. Novicow e Paul Lilienfeld. O primeiro não admite as conhecidas restricções de Spencer e chega a dar uma consciencia á socie-

dade, um *sensorium* com volições economicas, politicas e artisticas. O segundo funda as suas idéas justamente numa excepção de Spencer, pois que ensina categoricamente ser a sociedade um organismo concreto (1).

Elle afirma que, assim como não ha corpo inorganico absolutamente inerte, privado de unidade e de fórma; como não existe organismo sem acção physiologica, sem delimitação morphologica e sem unidade, assim tambem é impossivel que uma reunião de sêres humanos exista sem que elles regulem suas necessidades, suas acções por leis e costumes e sem que haja communhão de interesses e sympathias entre os respectivos individuos.

Em outros termos: toda sociedade humana apresenta tres esferas: economica, juridica e politica, correspondentes ás esferas physiologica, morphologica e unitaria dos typos animaes, sendo que essa analogia deve ser constatada não num sentido figurado, mas absolutamente real. Ora, qual é a lei da evolução progressiva para cada uma dessas tres esferas?

Para a economica: augmento da propriedade caminhando de par com o exercicio de uma maior liberdade financeira.

Para a juridica: delimitação mais especialisada e mais clara dos direitos individuaes e communs juntamente com a maior possibilidade de garantil-os.

Para a politica: unidade de acção mais intensa acompanhada de liberdades politicas mais amplas.

Para as tres esferas simultaneamente: concentração mais intensa com uma differenciação de forças mais caracterisada.

O fundamento desses principios está na lei geral que preside á evolução das forças em toda a natureza, evolução que consiste numa integração progressiva parallela a uma differenciação cada vez mais caracterisada das energias organicas e inorganicas.

Expressando de outra maneira este pensamento, temos a seguinte fórmula:

1º—Augmento de propriedade e de liberdade economica: corresponde a uma maior quantidade de nutrição,

acompanhada de uma acção physiologica mais intensa ;

2º—Delimitação mais especializada dos direitos parallela a uma maior liberdade juridica : corresponde a uma differenciação mais desenvolvida dos orgãos, acompanhada de uma acção mais variada entre as partes e o todo.

3º—Unidade mais intensa acompanhada de liberdades politicas mais vastas : corresponde a uma concentração mais estreita de forças a uma maior independencia das partes.

Propriedade, justiça e auctoridade correspondem á integração das forças sociaes tanto em relação ao systema nervoso, como á substancia inter-celular ; liberdade economica, juridica e politica corresponde á manifestação das forças sociaes externas. (2)

* *

Ahi estão os principaes fundamentos da theoria organica das sociedades.

Certo, elles fôram lucidamente expostos pelos sociologos em questão ; mas não haverá exaggeros de escola, afirmações ousadamente deduzidas de principios que ainda não entraram para o dominio das coisas resolvidas e assentadas ? Haverá em sociologia leis immutaveis como na astronomia, na chimica, na physica ?

Os positivistas respondem affirmativamente, baseados em factos historicos, na repetição periodica de phenomenos que se reproduzem em todos os povos, nas epochas de formação, de desenvolvimento ou de estacionamento.

Mas quem poderá prever o que será o mundo civilizado daqui a quatro seculos ? Quem sabe o que o espirito humano creará, nesse espaço de tempo, nos diversos departamentos da sciencia, e quem nos poderá dizer até que ponto essas creações modificarão a vida social de amanhã ?

Os dados estatisticos, judiciaes e economicos, invocados pela orientação positivista, nada nos pôdem dizer de definitivo a respeito. Nos aureos tempos da grandeza romana, quando a cidade eterna dominava o mundo, quem poderia prever a invasão dos barbaros, quem poderia pensar na derrota de um povo senhor dos elementos de exito creados pela intelligencia e

que, nem por isso, se livrou da ignominia de entregar os seus mais caros thesouros de arte e de conquista á massa brutal que lhe batia ás portas, tudo conspurcando e tudo destruindo ? Quem poderia adivinhar esse espectáculo da civilisação recuando deante da força hecterogenea de hordas que nenhuma noção tinham de arte e de sciencia ?

Hoje, que nos sentimos numa epocha de transição, num periodo em que o sentimento anda em procura de um ponto de apoio ; em que a moral da unica religião dominadora no Occidente anda falseada por todos, o que tem uma alta significação para o sociologo, porque foi pela dissolução do polytheismo que começou a dissolução do mundo antigo, — quem nos poderá garantir que se dê entre o catholicismo e o positivismo o mesmo que se deu entre o paganismo e o christianismo, quem poderá prever a substituição de uma religião metaphysica por outra que se apresenta firmada na negação de crenças espiritalistas e sobrenaturaes ? Isso no dominio do sentimento.

Si passarmos para outra esphera de actividade intellectual e emotiva, as mesmas interrogações nos acodem ao espirito, pois mesmo chegado á phase de completa integração positiva, ninguém conseguirá prever como e quando se operará este ou aquelle phenomeno social.

Os adeptos da theoria que faz objecto desse pequeno estudo taxam de empirica a intuição comteana. Como se viu, a delles, encarada de modos differentes pelos proprios sectarios, não obedece tambem a um plano definitivamente discutido e acceito. Entretanto, é fóra de duvida que há muitos pontos de contacto entre o organismo humano e a sociedade.

Ha, por exemplo, verdadeiras doenças politicas, anomalias pathologicas, inherentes á collectividade, bastante semelhantes ás que accommettem o homem.

A mania religiosa na idade média, o sebastianismo em Portugal, o chauvinismo francez nas vesperas da guerra prussiana, são doenças caracterizadas bem eguaes ás do nosso systema nervoso. O anarchismo na ordem

social, o symbolismo na arte, o fanatismo elegante do néo-catholicismo parisiense explodindo na mais absurda das coleras contra o judeu, symbolizada em Dreyfus, são manifestações morbidas indiscutíveis.

No Brazil bastaria lembrar o caso de Canudos, quando não fôsse evidente o nosso actual estado de depressão, talvez symptomatico de uma nova crise social.

O jogo, que entre nós tem tomado todas as fórmulas nestes ultimos annos, desde o encilhamento até á originalidade tristemente comica do *bicho*, atesta claramente esse estado de apathia, de desanimo, de falta de energia que caracteriza o brasileiro na phase actual. E' uma crise da qual ninguém, no momento presente, é culpado, porque as doenças sociaes representam vicios antigos, radicalmente vinculados á estrutura organica de um povo.

Mas a verdade é que todos sentem a surda elaboração de uma vida nova, talvez melhor, talvez peor, em todo o caso um novo periodo de luctas e, por consequente, de evolução.

E' que, nas sociedades como nos organismos, as epochas de crescimento são muitas vezes precedidas de grande excitação ou de grande modorra e não é impunemente que uma nacionalidade como a nossa, ainda na phase vegeto-sensitiva, realiza dois altos commettimentos como a abolição dos escravos e da realza.

HENRIQUE CASTRICIANO.

(1) O notavel critico brasileiro, Sylvio Romero, diz que Schœffe foi talvez quem primeiro applicou rigorosamente as doutrinas darwinianas á sociologia.

Peço venia ao illustre mestre para afirmar que essa gloria cabe a Liliensfeld, cuja primeira obra foi publicada antes da *La Structure et la Vie du Corps Social*, de Schœffe, que, aliás, confessa lealmente esse facto. Não se poderá negar, entretanto, que a theoria em questão foi divulgada pelos *Principios de Sociologia* devido não sómente á auctoridade intellectual do philosopho inglez, como ao facto de não haver sido logo traduzida para o francez a obra de Liliensfeld, escripta em allemão.

Vem a pello lembrar que antes do escriptor russo ser conhecido na França, onde, ainda hoje, segundo afirma René Worms, é pouco lido, já Tobias Barreto o citava largamente entre nós e, embóra refutando as suas idéas, dizia ver nelle «o sociologo mais sério, mais convencido, e que dispõe de mais rica bagagem scientifica.»

Admira a obscuridade em que se manteve durante tanto tempo, em plena civilisação européa, o notavel pensador russo. E sóbe de ponto de vista essa admiração quando observamos a acção assombrosa que a litteratura slava exerce actualmente no mundo latino.

(2) Vide *La pathologie sociale*, de Paul Liliensfeld, pag. XXIX e seguintes.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Osmose, principio universal de explicações physiologicas — Curiosa explicação de phantasia sobre os phenomenos do somno — Considerações.

Ao lado dos investigadores que revelam penosamente alguns factos e se acautelam com prudencia de exceder a experiencia com generalidades excessivas, ha universalisadores que pretendem sempre tirar partidos dos ultimos factos, das mais recentes theorias, para a explicação de todos os phenomenos presentes, passados e futuros.

Compromettem-se o neuronio com phantasticas concepções sobre o seu amaebismo e theorias tão engenhosas e estereis quanto a theoria histologica do somno.

Fundam-se, hoje, sobre os phenomenos osmoticos serias esperanças para a explicação de um certo numero de phenomenos physiologicos, si bem que as leis da osmose não pareçam ainda capazes de explicar a absorpção digestiva, ou a excreção urinaria que os recentes trabalhos de M. Mayer obrigam a considerar uma verdadeira secreção.

Com um pouco de boa vontade, — affirma o dr. Devaux, a osmose póde explicar uma porção de coisas obscuras e passa a expor tres theorias osmoticas, nos *Archivos Geraes de Medicina*, abril de 1905, explicando o somno, infeliz questão physiologica tanta vez victoriosamente explicada e não se conhecendo precisamente o seu mecanismo. Além disso, a osmose explica a inflamação, a febre.

Quanto á explicação do somno, o dr. Devaux a expõe com extrema simplicidade: basta que substancias avidas d'agua, o alcool, os chlorretos, a uréa ou o assucar se fixem no cerebro em abundancia normal; essas substancias retiram dos vasos capilares dos centros auditivos, opticos, olphativos ou psychicos, uma certa quantidade d'agua, donde resultará um esmorecimento momentaneo da circulação sanguinea ou uma diminuição do coeffericiente de oxigeneo, e, por conseguinte uma redução da actividade cerebral, o embotamento dos sentidos e da intelligencia; segue-se a tendencia para a abolição do estado de consciencia, a somnolencia e finalmente — o somno.

Essa mirifica explicação encobre uma generalisação que se não embaraça em detalhes por mais importantes que sejam — os diversos e curiosos phenomenos do somno, a sua periodicidade modificavel, o papel da vontade, da natureza da actividade mental do somno, da localisação dos seus phenomenos geraes em certos

centros cerebraes e não em todo o eixo nervoso.

De resto — accrescenta o ousado revelador desses mysterios — ha provas dessa theoria que explica todos os somnos — desde a anesthesia pela intoxicação chloroformica, até á hypnose — hypotensão sanguinea no somno e, como consequencia, diminuição de secreção urinaria, augmento inverso da absorpção de oxigeneo, devida a que o sangue, empobrecido de plasma, enriquece de globulos vermelhos e, no fim de contas, o meio edema dos dorminhocos, factos de duvidoso valor probante mas que justificam todas as conclusões e provam, além disso, que o sangue é mais viscoso no somno e que este é devido ao phenomeno osmotico.

Em todos os ramos de conhecimentos humanos, intervém a phantasia dos cavadores de mysterios, cujas divagações não são de todo infructiferas, tendo a utilidade de ir limpando o campo de estudo para o proficuo trabalho de pesquisadores sérios.

**

Nova descoberta de Edison.—O cobalto elemento essencial para se conseguir o automovel ideal. — Uma entrevista.

Em uma entrevista com um jornal de Nova York, o celebre inventor Edison declarou que havia um veieiro de cobalto partindo de um ponto precisamente a léste de Nashville, no Tennessee, e sulcando este Estado.

«Esta descoberta, por mim feita ha pouco tempo, terá como consequencia uma revolução no mundo da electricidade. Graças ao cobalto, poderei reduzir a 55 % o pezo do transporte e á metade o pezo das baterias.

Achei cobalto nos condados de Lincoln, Gaston, Shelby e Jackson; fiz experiencias com esse mineral em varios logares e reconheci que representava exactamente o que eu anciosamente procurava.

As carruagens electricas offerecem, como principal inconveniente, a necessidade de alojarem baterias demasiado pezadas, que demandam muito espaço, obrigando a augmentar a dimensão dos automoveis e tornando, por isso, muito incommodas a manobra, as voltas, etc. Quando eu chegar a construir um automovel com o sistema de cobalto, esse meio de transporte ficará tanto ao alcance de todas as bolsas que se poderá prescindir dos serviços do cavallo.

Fiz uma exploração completa do

Tennessee, no ponto de vista do cobalto, e volverei a repetil-a, pois estou convencido de ter á minha disposição elementos seguros para construir o automovel verdadeiramente moderno.

Edison tinha feito com o cobalto experiencias que fracassaram. O principal obstaculo encontrado pelo inventor era a raridade do cobalto, que não existe, na natureza, em estado de pureza, e a difficuldade de fundil-o. Além disso, Edison se via forçado a mandar vir aquelle mineral, em pequenas quantidades, da Europa e da Australia, não lhe fornecendo os Estados Unidos sinão um pouco de mineraes do Oregon, cerca de cinco toneladas por anno.

Com o cobalto do Tennessee assegura o grande revelador proclamar, em breve, a apothose do automovel.

**

O homem mechanico — Maravilha de movimento — A natureza imitada com a mais surprehendente perfeição.

O sr. Jean Finot, em um capitulo de seu livro — *Philosophia da longevidade* — exgotou o que se sabe sobre os automatos, desde o androide de Alberto, o Grande, a moça de Descartes, o tocador de flauta de Vaucanson, o jogador de xadrez do barão de Kempelen, até o recente homem-automovel americano, que, animado por um motor electrico disfarçado, anda, gesticula, dá gargalhadas e arrasta uma caleche carregada de viajantes.

O homem enigma, construido recentemente na Allemanha por Frederic Ireland e que opéra no grande circo Busch, de Berlin, excede todos os seus precedentes. Esse personagem artificial merece, com effeito, sob todos pontos de vista, a sua reputação de homem-enigma. Não sómente marcha, marcando o passo, mas trepa um *velo* como o mais habil cyclista e póde ganhar pontos ao campeão do grande Circuito; além disso, escreve o nome no quadro negro com o mais notavel talento calligraphico.

A construcção desse automato é extremamente complicada. Mede 1m. 85 de altura, peza 90 kilos e se compõe de 365 peças mechanicas distinctas. Tem os pés de louça, as pernas de aço e de madeira, os braços de aço e bronze. No interior do corpo funcio-

nam sete motores, uns accionados por mólãs de metal, outros pela electricidade. Os dois motores mais poderosos lhe põem em movimento as pernas; os outros quatro servem para descarregar 14 accumuladores que desenvolvem um potencial de 84 volts e 2.700 ampères por hora. Graças a essa disposição de energia, methodicamente regulada, mantém-se o equilibrio do homem-enigma, e o mechanismo opéra da maneira seguinte: um dos motores impelle para deante a perna direita e o corpo inclina-se para a esquerda. Uma móla estabelece, depois, o contacto com os outros motores, que entram em acção com um precisão rigorosa e distribuem suas forças entre os outros membros do automato, de tal maneira que o equilibrio se mantém sempre perfeitamente. Do mesmo modo e por meios ainda mais complicados, realizam-se os outros movimentos para escrever, para fumar, etc.

Mas o cumulo do movimento automatico é a surpreudente manobra da bicycleta, na qual nenhum gesto nem a minima attitude fôram omittidos.

* *

O absyntho — Seus effeitos toxicos — Demonstrações do dr. Lalou — Experiências dos drs. Belleret e Faure.

O dr. Lalou demonstrou no laboratorio de Dasre, na Sorbonna, que os effeitos toxicos do absyntho não são individnaes como pretendem os apaixonados dessa bebida; são geraes e ninguem a elles escapa.

Injecções de absyntho nos canaes gastricos dos cães determinaram allucinações, sensiveis espasmos epilepticos e a coma, preludio da morte.

Outras expriencias do dr. Balleret e Faure sobre cães jovens, aos quaes se administrou o absyntho, produziram convulsões, parada do desenvolvimento, agonia.

A despeito dessas e de tantas provas que as precederam, a fabricação e a venda desse toxico continúam auctorizadas em França, e o consumo augmenta em proporções terriveis.

Em 1884, elle era de cerca de 50.000 hectolitros; em 1904, elevou-se a 125.000 e em 1905 a 207.929.

Em paiz algum, a estatística dos bebedores de absyntho chegou a tão pavorosos Algarismos.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXI

Na sessão da Constituinte de 11 de outubro, tratou-se do projecto da organização dos governos provinciaes, que mais tarde será reformado, no tempo da regencia permanente, pelo Acto Additional (Lei de 12 de agosto de 1834 e Lei de 12 de maio de 1840).

Discutiram-no diversos oradores; entre elles, notaram-se Vergueiro, Carvalho e Mello, Montesuma, Arouche Rendon, Costa Aguiar e o deputado Ferreira França, que disse: «os povos estavam de posse de eleger os seus governos provinciaes e seria injustiça lhes tirar a eleição destes governos.»

Esta proposição motivou grandes reclamações e gritos de «á ordem, á ordem».

Ferreira França era um medico, uzeiro e vezeiro em excentricidades, reputado homem de boas lettras e de talento. Elle entende que os governos das provincias devem ser exercidos pelos proprios filhos della e não pelos de fóra, e uza da seguinte comparação, como argumento: «quem defende melhor a casa o cão manso della, ou o valente de fóra?...

Assim, senhores, deixemos de cães de fóra, ainda que sejam valentes para nos defender a casa.»

Falaram ainda Carneiro da Cunha, Brant Pontes, Souza Mello.

Concluida a discussão, o projecto foi approved e sancionado por votação nominal, requerida pelo padre Dias.

A colera dos brazileiros contra os portuguezes, ainda acceza nessa quadra, irrompeu nas palavras do deputado Carneiro da Cunha, que disse: «E' com muita magua e dôr do meu coração que vejo no *Correio do Rio de Janeiro* um artigo extraído de outro periodico, em que se mostra que para a Bahia expedira o ministro da Guerra uma portaria para se remetterem para o Rio os prisioneiros portuguezes que não quizerem assentar praça pelo espaço de quatro aunos.

Apenas posso crêr, sr. presidente, que este ministro tomasse semelhante medida. Por essa portaria mandam vir homens, que não sei como pudemos ver no nosso seio, homens que tingiram as suas mãos no sangue dos honrados brazileiros!

Como é que se mandam vir taes homens para garantir a nossa segurança, depois que talaram os nossos campos; depois que fizeram profissão de todas as maldades contra nossa causa e contra a reivindicación dos nossos direitos?

Será possivel que os possamos receber?!

Será possivel que vejamos a sangue frio e coração tranquillo semelhantes individuos, que nos quizeram sacrificar e cuido que ainda nos perseguem?

Havemos admittil-os, quando ainda trabalhamos para consolidar a nossa independencia, contra a qual elles combateram?!

Puderão estes homens, algum dia, serem nossos amigos?

Julgo que não. Terá a nação precisão de lançar mão de inimigos para sustentar a sua causa?

Ou o augusto chefe da nação acaso precisará de luzitanos para sustentar o throno, que a nação brazileira levantou para nelle o collocar como seu primeiro monarcha?

Uma medida desta natureza não pôde ser sinão um erro do ministro da Guerra; contra elle é que falo; e sempre quando falo contra o Governo, ue dirijo só aos ministro; nunca contra aquelle que nenhuma responsabilidade tem e que a mesma Constituição faz impeccavel (*Muitos apoiados*).»

Carneiro da Cunha enviou á meza uma indicação, pedindo informações ao Governo, e Montesuma requereu prorogação da hora para se discutir o assumpto de tanta gravidade.

Antes de acompanhar o desenvolvimento delle, convém notar as difficuldades que as circumstancias anoma-las daquela epocha creavam á marcha regular dos negocios publicos, assim como os factos se entrelaçavam e concorriam para um desenlace perigoso. Realmente, a admissão dos soldados portuguezes da guerra do general Madeira, prisioneiros na Bahia, era motivo de alarma e irritação para a população brazileira. Estes outros factos semelhantes geravam desconfianças contra a lealdade de d. Pedro, portuguez, que se cercava de soldados luzitanos, os quaes acabavam de guerrear com os brazileiros. Não era preciso mais do que isso para açular os preconceitos do povo, que não investiga, nem comprehende as razões de Estado que levavam o Governo a tomar tal medida; a empregar no serviço do nosso exercito taes soldados, quando o paiz ainda não os podia fornecer; quando a lavoura muito precisava de braços para rotar os campos; quando, por todas as considerações de ordem social e politica e da criação e desenvolvimento dos interesses economicos, convinha não inutilizar os braços dos nacionaes; pelo contrario, era melhor deixal-os para outros mistéres de maxima vantagem publica.

Os representantes da nação sómente olhavam o facto sob o ponto de vista do patriotismo, ou dos resentimentos populares por demais ulcerados.

Importa tambem considerar que o

perigo, de certo, não era tão grande; cem ou mil soldados disseminados no Exército seriam uteis ao serviço, mas insufficientes para tentar destruir a obra da Independência.

As susceptibilidades do orgulho e do nativismo não se contêm: fazem explosão.

Ora, si os deputados, homens políticos, que deviam considerar a questão sob o ponto de vista da conveniência do serviço, mostram-se irritados, muito mais ha de mostrar-se o povo, que não fórma sobre tal objecto um juizo razoavel e que só julga pelas subitas emoções da momento e pelas coleras de suas paixões.

O governo de d. Pedro, de feito, via-se num dedalo de difficuldades, nascidas das circumstancias especiaes e anormaes do paiz.

No discurso de Carneiro da Cunha transpira o receio de desagradar o Imperador, receio que pezava no animo da Assembléa inteira.

Esse era o estado de coisas, que, incrementando-se, cada vez mais, formou a situação que produziu, mais tarde, o golpe de Estado de 12 de novembro.

A observação verifica que, cada dia, apparecem factos, que avolumam os motivos de desconfiança e que geram no espirito do Imperador a convicção da necessidade de dar cabo duma Assembléa que não tem o bom senso de se não intrometter nas funcções privativas do Executivo; não comprehende as conveniencias do paiz e só lhe suscita embaraços expondo o Imperador á impopularidade, como nesta odiosa questão dos soldados lusitanos, pela segunda vez agitada.

D. Pedro observava, attento, a má vontade de certos deputados, má vontade clara e manifesta, como vamos ver.

Carneiro da Cunha affirma que são estas medidas as que tem levado as provincias a desconfianças. Taes palavras fôram recebidas com geraes apoiados. Affiança que os sentimentos que tem manifestado são os de todos os brazileiros honrados.

Montesuma estygmatisa fortemente o acto do Governo.

Antonio Carlos diz: «eu quizera ainda accrescentar que se pedisse copia authentica dessa portaria, para nos certificarmos que no mesmo tempo que vinha esse negocio á Assembléa para nós o decidirmos, o ministro da Guerra tinha a ousadia de tomar semelhante medida, como para zombar dos representantes da nação. Peço, pois, que não só venha a informação, mas tambem a portaria e que o ministro diga quaes fôram os motivos que teve para assim obrar. E' preciso que nos entendamos com este ministro corrom-

pido e o mais corrompido que até agóra tenho visto.»

Estas phrases virulentas e ameaçadoras de Antonio Carlos fôram cobertas de numerosos applausos e apoiados.

Henriques de Rezende, França e outros abundaram nos mesmos conceitos. Em vez de desvanecer as desconfianças nas provincias e dissipar as duvidas do povo, aquelles debates, cada vez mais, afundavam na opinião publica a suspeita de pretender fazer o Brazil voltar ao dominio de Portugal. Já era uma idéa, que, como um ferro em braza, queimava o cerebro da nação.

De facto, as discussões desta ordem não produziam outro effeito, e d. Pedro não era tão parvo que não visse que todas as settas disparadas vinham certas cravar no alvo, que era elle proprio.

Ou a Assembléa tinha clara consciencia dos seus actos e palavras, ou não tinha. Si não peccava por imbecil, peccava de proposito deliberado. Assim, quando fôr fulminada com a dissolução, não poderá allegar que não a merecia e que foi sempre respeitosa.

Carneiro da Cunha, Montesuma verberam cruamente o ministro da Guerra, estimulam os brios populares, apontam a admissão dos officiaes e soldados lusitanos como um plano sinistro.

Antonio Carlos, nos arroubos de seu entusiasmo, nos impetos de sua soberba, vilipendia o ministro da Guerra, como o mais corrompido que tem visto.

O povo inteiro conhece e sabe que todos estes actos assim malsinados, ou são ordenados pela iniciativa do Imperador, ou approvados por elle.

A Camara, com deploravel leveza, deixa-se arrastar pelas palavras retumbantes de Antonio Carlos e resolve pedir informações e copia authentica da portaria de 2 de agosto, concernante aos prisioneiros portuguezes, que d. Pedro e seu ministro pretendiam admittir no exercito brazileiro.

Veremos, mais adeante, noutro capitulo, o estolido papel que a Constituinte representou nessa ridicula farça, gniada por Antonio Carlos.

EUNAPIO DEIRÓ.

O SR. ARTURO COSTA ALVAREZ, redactor de *La Nacion*, de Buenos Aires, escreveu-nos uma carta tão amavel, tão cheia de gentilezas para com os *Annaes*, quanto ciosa da regularidade com que esta revista devera ser remittida ao excellente jornal portenho. Não nos contemos de publicamente lhe assegurar que não é, como suppõe, isso «debido

á un descuido de la Administracion de "*Os Annaes*". O descuido pôde bem ser do correio argentino ou, mais provavelmente, do nosso, que, aliás, nos entrega muito regularmente os numeros de *La Nacion*, cuja pontual remessa, já agóra, agradecemos á sua direcção.

Como nos pediu o sr. Alvarez, enviamos ao seu jornal uma collecção dos *Annaes* — «que haríamos encuadernar para nuestra biblioteca, como valioso libro de consulta».

MORTE

Ao dr. Antonio Austresilo.

A morte! Muita gente a tem imaginado.
Como infortunio atroz ou ventura suprema;
Theologos subitis divergem no intrincado
Caso, um phenomeno e insondavel problema.
Por mim, eu imagino a morte como irado
Ferreiro, o malho ás mãos, e prendendo-o, uma algema:
— Cada golpe dos seus, preciso, cadenciado,
Põe de uma vida fim na convulsão extrema.
Ferreiro justo e bom, incansavel ferreiro!
Teu braço redemptor supprime a humana lida,
De um golpe tu nos dás o sono derradeiro!
Mas temo por teu braço, obreiro surpreendente!
Temo que elle se canse, e me deixe na vida,
Eternamente, eternamente, eternamente!

ADRIANO DE ABBEU.

1906.

A LIVRARIA

«BOM HUMOR», POR JOÃO CHAGAS. — EDITORES, FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA. — LISBÔA.

Bom Humor é uma collecção de chronicas publicadas na imprensa de Lisbôa por João Chagas, o tão conhecido e sympathizado jornalista, mesmo aqui no Brazil.

São chronicas leve e graciosamente feitas, com a sorte vária que os assumptos impõem a essa litteratura de improviso, mas que, no seu conjuncto, nos dão uma idéa do momento no meio em que fôram produzidas.

Dão por fórma directa, porque ellas tem psychologia e guardam uma linha, sinão de independencia feroz, ao menos de limpeza sympathica; não são perfeitamente innocuas e muito menos officiosas, como quasi tudo o que neste genero por aqui actualmente se faz.

Note-se que eu não digo isto para censurar os nossos chronistas. A imprensa acompanha o movimento das coisas, como uma força social que é. Na situação que atravessamos, o nosso jornalismo talvez esteja prestando melhores serviços ao paiz nessa disposição em que se acha, do que si conti-

nuasse na sua antiga attitude, que era a de um muito pronunciado pendor para a opposição.

Não era por simples virtude que elle se conservava nesse papel antigamente: é que de outro modo não obtinha vendagem. O publico preocupava-se com questões de idéas, convencido de que essa preocupação é que era a mais séria e mais digna dos homens.

Não foi apenas durante a monarchia; até ao começo do governo Campos Salles, ainda essa phase não se havia de todo encerrado. Ella expirou definitivamente com os apertos financeiros e economicos dessa epocha e agora com este prurido de melhoramentos materiaes, com esta americanisação em que entramos no quatriennio Rodrigues Alves.

Hoje do que nós não queremos saber aqui justamente é de theorias; queremos factos. Traduzam-se estes por obras que se vejam e que encham os olhos. Quanto se gasta, de onde vem o dinheiro e em que condições, é o que não se indaga ou, pelo menos, não se apura muito rigorosamente.

A imprensa, collocando-se entre o povo e o Governo, servindo o povo em suggerir, fomentar novos projectos ou ao menos apoiá-los, applaudil-os, fazer-lhes reclamos, e servindo o Governo pela discreção que guarde relativamente ás condições em que certas dessas coisas se fazem, ou a episodios, particularidades, nugas que ellas vão ocasionando, coisas proprias da fraqueza humana, continúa no seu papel. Por conseguinte, é tão util e tão prejudicial como antigamente, embóra por oppostas razões. Naquelles outros tempos tratava-se de derrubar, e não há meio de pôr abaixo assim systematicamente sem commetter uma impiedade, uma injustiça, um irreparavel qualquer; hoje trata-se de construir, e as argamassas parecem-se muito com a lama, pelo menos emquanto não se solidificam.

Vê-se, pelas elegantes e na verdade humoristicas chronicas do sr. João Chagas, que em Portugal as coisas vão tambem evoluindo para ali. Não somos nós outros apenas povos do mesmo continente, que soffremos a influencia do *yankee*; o mundo inteiro, mais ou menos, resente-se da electricidade que a raça dos novos titans está produzindo e propagando com a agitação estupenda das sociedades uovas que a constituem.

Em comparação com Eça de Queiroz e Ramalho, (cujos formosos escriptos de outr'ora esta revista tem feito reviver nas «Paginas Esquecidas») já mesmo o sympathico auctor desta collectanea é um bom sujeito, — critico attenuado, quasi que ameno, parecendo caracterizar um periodo de

transição. Depois d'elle, os que vierem talvez já possam chegar á perfeição que attingimos aqui.

Como todas as obras editadas na casa dos srs. Ferreira & Oliveira, *Bom Humor* é representado por um elegante volume.

«LEVIANDADES DE CLYMENE»,
POEMA POR MUCIO TEIXEIRA—
COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO
BRAZIL.—RIO DE JANEIRO, 1906.

Deu-se, ha pouco tempo, na Tijuca uma tragedia entre representantes da nossa boa sociedade, coisa que, aliás, não é tão raro acontecer. Em toda parte dá-se outro tanto: a influencia que a educação e as conveniencias sociaes exercem tem seu limite e depende muito da organização de cada um.

O que acontece, porém, nos meios pequenos de provincia, si ocorre uma dessas infelicidades entre as que por lá se chamam «bôas familias», é que o facto occasiona um fraco escandalo, embóra grande abalo,—justamente o contrario do que se dá numa grande capital.

A razão está na reserva e conveniencia que a imprensa de lá nesses casos adopta. Tambem não ha muito deu-se em S. Paulo uma dessas tragedias de que estamos falando. Pois mesmo alli, numa cidade populosa e importante como aquella, quasi nada transpirou na imprensa dos motivos reaes que determinaram aquella lastimavel scena de sangue.

Nos grandes centros propriamente ditos, é impossivel conseguir-se outro tanto. A imprensa atira-se sobre o cadaver numa impiedade de inimigo que se apropria do campo adverso depois de uma batalha. Armam seus *kodaks* sobre elle e bombardeiam-no nipponicamente. Sentam-no, deitam-no, põem-no a tres quartos, de perfil, de frente, numa indifferença profissional apenas comparavel á do medico, que vem fazer a autopsia depois.

Não o photographam apenas: esquadrinham-lhe os bolsos, as gavetas, os colchões, as malas, por intermedio da policia, como num methodisado saque. Querem-no para elles, na apparencia dos seus despojos e na realidade do que foi, pelo que os seus documentos revelem ou deixem entrever.

Da victima passam para o auctor do delicto, para os cúmplices, para quantos, directa ou indirectamente, se prendam á tragedia. Não ha piedade e é mesmo um acaso haver legitima preocupação com a verdade nas narrativas que a colheita dos elementos de informação proporciona. Quem

consegue contar mais e mais embasbacar é quem «dá o furo», perante a opinião.

Eis o que espera as victimas e os tyrannos nos duros e prosaicos tempos em que vivemos.

Para este caso da Tijuca abriu-se uma excepção. Um poeta, o sr. Mucio Teixeira, lembrou-se de pôl-o em versos com essas pagiuas intitulas *Leviandades de Clymene*, que outro dia publicou.

Sabia-se que o poeta é um romantico impenitente, dos poucos abencerrages que a escola ainda pôde contar hoje em dia entre nós. Mas, si não se soubesse, esse facto o viria demonstrar. E' preciso não se ter a noção do tempo em que se vive, ou então abstrair-se um homem inteiramente dessa circumstancia, para commetter um anachronismo desta ordem, e ainda mais sem desmentir, com taes versos, a facundia e mesmo o talento que todos reconhecem no sr. Mucio.

Vem estampado á frente do opusculo o retrato do poeta, em vez de serem os dos heróes da tragedia—para arremate, de certo, do contraste que o auctor quiz estabelecer com o nosso tempo.

Só não sei, de todo, a que intenção haveria o sr. Mucio Teixeira obedecido escrevendo por baixo do seu nome aquellaphrase explicativa: «Consul-geral do Brazil no reinado de d. Pedro II.»

NUNES VIDAL.

TEMOS razões para desejar sinceramente que não fique na provincia, na indifferença do seu publico, o juizo do sr. Oliveira Lima a respeito do sr. José Verissimo.

O artigo, publicado no *Estado de São Paulo*, em que ao nosso collaborador honra o diplomata que é hoje um escriptor essencial, salienta no sr. Verissimo, além do que elle vale realmente na sua especialidade litteraria, as qualidades — raras, inestimaveis e, por isso, dignas de nota — de homem de bem, postas ao serviço do seu processo de critica. Os leitores vão ver que merecemos o seu applauso e apreciação que nos louvemos na companhia do sr. Oliveira Lima para manter o que esta revista, logo no seu numero 3, teve o gosto de dizer sobre o seu amigo e collaborador.

JOSE' VERISSIMO

Em toda a parte aonde me tem conduzido o destino diplomatico, tenho tido a boa fortuna de receber, a intervallos regulares, os volumes das duas séries — *Estudos Brasileiros e Homens e Cousas Extrangeiras* — que contiúa publicando o escriptor que, de consenso unanime, é considerado o primeiros dos nossos criticos, o que quer dizer um dos primeiros entre os

nossos homens de letras. Si é unanime o consenso, é porque para elle contribuem aquelles, e não são tão poucos, que alguma vez se julgaram melindrados pelas reservas postas pelo sr. José Verissimo nas suas apreciações de trabalhos delles, ou offendidos pelos remos que taes trabalhos lhe puderam porventura merecer.

Porque o sr. José Verissimo é um homem que tem o bom ou o máu costume — a qualificação depende do criterio individual — de dizer o que pensa como pensa, e ou a nossa educação é muito defeituosa neste ponto ou o nosso character deficiente: o facto é que, si somos sensiveis ao elogio somos hypersensiveis á critica. Nem sabemos receber os louvores com discernimento, nem as censuras com equanimidade.

Aquelles nos embriagam e estas nos irritam: pouco importa que sejam uns falsos e outras justas. Isto não impediu, comtudo, o sr. José Verissimo de se impôr á consideração geral dos entendidos; antes, o ha destacado do commum dos escriptores nacionaes, quicá mesmo influido para que, como acontece, seja o seu um dos poucos nomes brazileiros conhecidos fóra do nosso meio. Em Portugal e nesta America Hspanhola posso dar testemunho de que trabalhos desse auctor tem sido lidos e favoravelmente julgados.

E' o maximo de popularidade que, penso, póde attingir um escriptor brazileiro numa projecção espontanea da sua personalidade litteraria.

Vem a pello dizer que as vantagens que o sr. José Verissimo tem auferido da sua independencia de opiniões são todas Moraes. As materiaes pela mesma razão lhe fogem. Sendo uma das raras pessôas entre nós que se preocupam com assumptos pedagogicos, que os examinam com conhecimento e os commentam com auctoridade, tendo escripto um livro sobre educação nacional que se tornou classico, e dedicado bôa parte da sua vida ao magisterio, não foi ainda reintegrado no seu antigo cargo de director do Gymnasio Nacional, de que o fez saír um assomo de dignidade, o que num educador deve sempre ser levado ao seu activo.

Ouvi que o motivo é ser o escriptor

em questão notoriamente anti-catholico, não sómente indifferente em materia de fé. E' facto que na alma excellente do sr. José Verissimo se abrigam dois odios, aos padres e aos guerreiros, póde mesmo dizer-se, subindo do concreto ao abstracto, á guerra e á religião, que elle ambas tem na conta de condições de atrazo para a humanidade. Em varios dos ensaios do tomo segundo, ha pouco tempo publicado, dos *Homens e Cozas Extranjeiras*, O fim do paganismo, Cromwell, Electra, A litteratura contra a guerra — se dá expressão inequivoca a esses sentimentos pugnazes, ao mesmo tempo que se festejam com illustração de pormenores, com elevação de vistas e com verdadeiro sentimento social, que é um predicado que falta muito á nossa litteratura, estas bellas cozas chamadas tolerancia, liberdade de consciencia, paz, fraternidade, a que são oppositas a religião organizada e o militarismo.

A razão murmurada para o não aproveitamento do sr. José Verissimo para funcções educativas, não obstante sua excepcional competencia em materia pedagogica, a ser verdadeira, não deixaria de ter sua graça num paiz em que foi abolida a religião de Estado e onde ninguem póde, pela Constituição, ser legalmente vexado por suas opiniões religiosas ou por falta de opinião religiosa.

Verdade é que desde que separamos a Igreja do Estado, foi que, por uma curiosa contradicção, que se disfarça com o nome de tolerancia, abrimos de par em par as portas á immigração monachal, como nos bons tempos coloniaes, e até entramos a fazer cardeaes como si nos governasse el-rei d. João V.

Accresce, porém, que o sr. José Verissimo é, além de um admiravel escriptor e de um abalisado profissional, um homem dignissimo na sua vida particular e publica, que são uma e outra exemplares, o que se não póde ter como superfluo em caso algum, mas deve-se ter como particularmente recommendavel quando se trata de encaminhar a mocidade nas veredas da hombridade e dos bons costumes.

Não pretendo que o contrasenso

de conservar um homem assim fóra da sua esphera natural de acção, num paiz em que a pura litteratura não logra offerecer meios de vida, seja um caso typica e exclusivamente brazileiro: em outras partes eguaes disparates se passam. Não deixa, entretanto, de ser sua occurrencia devéras lastimavel numa sociedade em formação, onde não só não abundam extraordinariamente — como aliás não abundam em outra qualquer, mesmo das formadas — os homens de character ao mesmo tempo que de intelligencia, e onde se não contam muitos elementos adequados ao genero de actividade social tão meritorio, tão importante e tão levantado de que o sr. José Verissimo fez a sua especialidade pratica.

E' egualmente deploravel que o seu grande valor litterario não seja aproveitado, de um modo amplamente desafogado, num grande orgão da imprensa, cuja secção de critica litteraria nacional e extranjeira — uma funcção desta arte eminentemente educativa — lhe andasse permanentemente attribuida, como a secção theatral do *Journal des Débats* a Emile Faguet ou secção analogo do *Temps* a Adolphe Brisson; convindo notar que o sr. Verissimo possui um talento muito mais comprehensivo que o de Brisson, e uma vibração humana muito mais funda que a de Faguet. A sua curiosidade de litterato estende-se a todas as grandes litteraturas e a algumas das pequenas, e é realçado pelo seu afastamento systematico da politica de personalidades, mesmo da politica pratica, e pelo seu sentimento nitido da politica de principios.

Como estylista, um ponto em que o acoimavam de fraco, num meio em que não raro se confunde a emphase com a propriedade e os artificios com a verdadeira belleza de fórmula, o sr. José Verissimo tem-se aperfeiçoado consideravelmente, chegando hoje a ser um dos nossos escriptores mais dotados: claro, conciso, despretencioso, sem preocupações irritantes de purismo e, ao mesmo tempo, com um grande cuidado no vocabulario e na syntaxe, suggestivo tanto quanto instructivo.

Tem o sr. José Verissimo sido tam-

bem accusado pelos que se possam haver resentido das suas observações, sempre sinceras, nunca malignas, de ter a admiração difficil, o que é uma injustiça. Basta ver na série quinta dos seus *Estudos de Litteratura Brasileira*, as paginas dedicadas a Olavo Bilac, Graça Aranha, João Ribeiro e Euclides da Cunha: com que sympathia elle põe em relevo a fórma brilhante, a rica phantasia, a maravilhosa virtuosidade do poeta parnasiano; a visão dolorida, no romancista, de um aspecto novo da vida social brasileira, qual o da larga immigração, determinando um estado amedrontado da alma nacional; a delicadeza e afan de perfeição do lyrico intellectual; o sentimento intimo da terra e das gentes dos sertões, brotado da honestidade e generosidade de um character transparente e offerecendo um sabor exquisito na sua nova lingua de scientista armado de um extraordinario poder descriptivo, que váe das paizagens ás almas.

A par ou talvez por causa da sympathia—a qual, no seu proprio dizer, não é nem deve ser condescendencia—ha que notar a penetração do critico, como elle consegue attingir os motivos moraes, como alcança tocar precisamente nos impulsos e propositos daquelles que busca para objecto dos seus estudos psycholicos. Como exemplo, citarei a distincção que elle finamente estabelece entre o catholicismo accommodado e sentimental do sr. Magalhães de Azeredo, o catholicismo litterariamente esquivo do sr. Joaquim Nabuco e o catholicismo intellectual, ironico e combativo de Eduardo Prado.

E' claro que a sua admiração, forte como pôde ser, e para isto é sufficiente a quem della quizer julgar ler o ensaio sobre *Chanaan*, só se dá largas pelo que a elle, e a elle só, pareça merecer semelhante preito. Não fôsse a critica uma funcção essencialmente pessoal: a palavra o indica. Quem mais pessoal do que Sainte-Beuve, o critico francez por excellencia de seculo XIX, na sua lucidez e malicia; do que Gustave Planche, o analysta severo da litteratura que foi sua contemporanea; do que Macaulay, o subtil e crystallino evocador da espiritalidade italiana, da Italia de Machiavel e de Leão X?

Não é, comtudo, o sr. José Verissimo, como o não foi qualquer desses mestres da critica, pessoal no sentido de ficar limitado á explicação dos caracteres, sem passar ás idéas geraes, que são, pelo contrario, as que mais o preoccupam na producção litteraria, as que elle procura descobrir, apontar, definir, explicar com uma notavel sagacidade e sem intenções preconcebidas—tanto quanto dellas possa estar livre uma intelligencia humana—que lhe viciem a visão, exercendo um effeito de refração.

E' assim que a nobreza de alma e de vida de Chateaubriand serve no seu conceito para emprestar realce ao esforço que foi o do grande escriptor e de muitos da sua geração que o acompanhavam, para a reconstrucção do edificio catholico pela imaginação e pela poesia, e que o desinteresse de Tolstoi, os olhos do critico o vêem como a applicação pratica dos principios de «abstenção civica e dedicação humana» do evangelista contemporaneo.

Como elemento pessoal entram, por exemplo, nas ultimas paginas estrangeiras do sr. Verissimo, a compaixão por Maria Antonieta, o asco pelo tyranno Rosas, extensivo a todos os dictadores, a admiração por Emilio Zola, romancista e publicista da verdade, o reconhecimento a Dumas pae pelas horas encantadoras que lhe proporcionou sua leitura, a ternura pelo sentido trovador portuguez Corrêa de Oliveira. Em qualquer desses ensaios, porém, o alcance é muito maior, buscando o auctor as causas sociaes, discriminando os processos litterarios, expondo as raizes nacionaes e individuaes dos escriptores que lhe servem de thema e nos quaes elle, sobretudo, tenta descobrir a feição humana da obra espirital.

A critica, sem esta orbita, não passaria de um desporto cerebral, e o sr. José Verissimo faz della muito bem uma nobre funcção moral, complemento, sinão base, do seu papel de educador. Não só da cathedra se ensina: ensina-se pelo livro e não menos pelo exemplo. E' o caso perfeito deste intellectual e homem de bem, diria um inglez deste *scholar* e *gentleman*.

OLIVEIRA LIMA.

APANHADOS

Comedia suissa O dr. Thuler fez representar, ultimamente, em Estavayer, na Suissa, uma peça humoristica intitulada *Les Transplantés*. Um camponez rude, que habitou sempre as bellas montanhas escarpadas, váe morar na cidade, no borbório duma cidade commercial, e em breve tempo se torna neurasthenico e doente imaginario; o seu medico, o dr. Clinquart, é um charlatão que o explora de todas as maneiras.

As suas aventuras e o modo engraçado pelo qual o matuto se condúz fornecem uma boa porção de scenas comicas, algumas dum interesse verdadeiramente psychologico.

* *

Uzos originaes Em cada paiz ha um modo differente de annunciar ou proclamar o successor do soberano que está governando. Em Tunis, o costume tradicional consiste no seguinte: o principe reinante envia o barbeiro da cõrte á casa da pessoa designada por elle para seu successor, afim de lhe noticiar que pôde uzar barba, o que equivale a dizer que foi nomeado herdeiro do throno.

A razão de tão curioso costume é muito simples: em Tunis, deixar crescer a barba é privilegio da soberania.

* *

A superstição dos cossacos Os cossacos de Don teem preoccupações e costumes excentricos, como, por exemplo, não mudam de roupa em segunda-feira para não ser atacado de grave enfermidade na pelle. Segundo esses supersticiosos soldados, não se deve tirar lâ em dia de festa; todo o gado adoce e logo depois morre.

* *

O craneo e a criminalidade Um facto inesperado váe dar que pensar á Cesar Lombroso, o pae da doutrina do homem criminoso, o celebre alienista italiano, que considera o criminoso como um homem votado ao crime pela estrutura physica, pela fórma do craneo.

Na India, existem uns indigenas, os thugs, que percorrem as grandes estradas, tomam conhecimento com os viajantes e os estrangulam na primeira occasião favoravel; alguns desses indigenas fõram presos e assassinados logo, e depois se enviaram quinze craneos para Edimburgo onde o sr. William Turner os examinou attentamente. Ora, esses craneos são

todos normaes. Não se encontram nelles os estygmata que caracterizam o homem criminoso.

«Não ha craneo criminoso», diz o sr. William Turner, que é contra o modo de pensar de Lombroso.

E' verdade que se pôde fazer notar que, para os thugs, o assassinato é, na realidade, um acto de piedade, um officio religioso e não um crime baixo, por lucro ou vingança. Mas os monomanos do envenenamento não são criminosos tambem ?

Lombroso, de certo, responderá ao sr. Turner, e ha de ser uma terrivel resposta, bem incisiva e forte.

* *

Archeologia A recente erupção do Vesuvio poz em actualidade os estudos sobre Pompéa. Ha alguns mezes foi noticiada, na França, a publicação duma obra de grande luxo sobre a cidade de tragica memoria. Mas os livros de luxo são necessariamente reservados a um publico muito restricto de amadores e de bibliophilos.

Agóra, os editores Laurens, de Paris, acabam de publicar um estudo em dois volumes sobre Pompéa. Duma forma elegante e com um preço bem modico, o livro obedece á série *As cidades de arte celebres*, que aquelle editor está publicando. O texto é do sr. Henry Thédénat, do Instituto de França, e se divide em duas partes: vida publica e vida privada. Um grande numero de gravuras illustra os capitulos, e dois planos, muito minuciosos, da cidade e das excavações, prestam bons serviços á precisão do livro.

* *

Cyclismo e saúde Um professor da faculdade de medicina de Toulouse, o sr. Basset, observou que, desde alguns annos, a mortalidade daquella cidade diminúe e elle não sabe a que causa extraordinaria attribúa esse feliz acontecimento. A hygiene publica não soffreu nenhuma refórma sensivel. O professor Basset investigou e acredita ter achado a solução do problema. A mortalidade diminúe depois do apparecimento do cyclismo. Em Toulouse a bicycleta é muito usada, principalmente pelas classes operarias, que pôdem, assim, morar fóra da cidade, em casas mais ventiladas, mais espaçosas, melhorando a saúde, que fica abalada nos quartos escuros dos bairros commerciaes.

Congresso de mineiros Existem, principalmente na Europa, grandes federações operarias internacionaes. A dos mineiros reuniu, ha dois mezes, o seu 17º congresso em Londres. Os delegados allemães, austriacos, americanos, belgas, inglezes e francezes, em numero de 116, representavam mais de 1.200.000 syndicaados. O Congresso votou propostas pedindo a interdicção legal do emprego, nas minas, de mulheres e de meninos de menos de 14 annos, o dia de oito horas, a nacionalisação das minas e um ordenado sufficiente para os velhos trabalhadores que se retiram depois de servirem durante muito tempo.

* *

Ibsen, Taine e Tolstoi Logo depois da morte de Ibsen, notaram alguns jornaes que o grande escriptor norueguez, Taine e Tolstoi tinham nascido, todos tres, no anno de 1828. E quem procurar os traços de caracter que lhes eram communs, verá que Ibsen e Taine começaram atacando os poderes existentes e, depois de avançarem na vida, mostraram, os dois, o mesmo esquecimento da democracia; mas Taine era menos excessivo que Ibsen e admirava a forma de governo que regia a Inglaterra, enquanto Ibsen não mostrou a menor indulgencia com qualquer governo.

Ibsen e Tolstoi admiraram, igualmente, os revoltados contra as leis actuaes. Mas Tolstoi não escapou ao fatalismo oriental, e a sua concepção de egualdade é bastante primitiva. Ao contrario, para Ibsen, a humanidade não existe sinão produzir super-homens e os seus compatriotas lhe chamaram, successivamente, de idealista, de materialista, de conservador, de radical, de socialista e de anarchista.

* *

Exposições de arte Paris teve ultimamente uma exposição bem interessante. A pessoa do jovem pintor, que é o filho de Alphonse Daudet, chamou a attenção dos curiosos, que admiraram a maneira um pouco estranha e original do artista.

Outro grande successo de arte em Paris foi a recente exposição dos quadros de Sarolla y Bastida; as côres vivas, fortes, emocionantes, da Hespanha são passadas para as télas desse artista com uma pericia extraordinaria.

E' o pintor da espontaneidade e da alegria, e o seu pincel é, ao mesmo tempo, ousado, seguro e correcto.

Filherias argentinas O reporter que entre nós, por motivo da Conferencia, representa *La Nacion*, de Buenos Aires, diverte os seus leitores, tanto argentinos como, principalmente, brasileiros, com os seguintes trechos de uma correspondencia inserta naquelle jornal, numero de 9 de agosto, a proposito da recepção que fizemos ao sr. Root:

«La manifestación recorrió la Avenida Central, Catete y por allí siguió hasta el palacio de Abrantes designado para alojamiento de mr. Root. A su paso las cabezas se descubrían y los aplausos no cesaban. Pero á la manifestación le faltaba espontaneidad, le faltaba entusiasmo, y fácilmente se conocía que los estudiantes estaban allí por pedido especial del barón de Río Branco e del dr. Joaquin Nabuco.»

Diz, depois, que, muito ao contrario do que a imprensa do Rio suppõe e divulga, o sr. Root sempre teve, desde que deliberou vir ao Brazil, o proposito de visitar as outras republicas sul-americanas. Não temos, pois, — dá o reporter a entender — que nos jactar da primeira intenção do ministro, tanto assim que,

«al mismo dia que decidió su viaje al Brasil, mr. Root manifestó al dr. Portela que tambien iría á Buenos Aires.»

Esta é a verdade, «segun mis informes», diz o pandego do reporter.

Mas o reporter e *La Nacion*, que lhe não mediu os temperos na chimica da sua «cosinha», não contavam naturalmente com a resposta do sr. Root ao presidente Alcorta, que um telegramma do *Jornal*, de 15 do corrente, nos communica:

...«Mr. Root respondeu que, convidado, teve duvidas sobre a justificabilidade dessa viagem *prolongadora* da sua ausencia ao cumprimento de deveres officiaes»...

No fim de contas, nós, os brasileiros, só temos razões para applaudir, e animar si nos fôsse possivel, a visita com que o ministro distingue os nossos «hermanos» americanos. Porque, de resto, que mal nos trará essa cortezia do nosso bom amigo do norte? Bem, e muito, é que, de facto, ella já nos está trazendo. Precizavamos lealmente de que elle, para julgar da nossa cultura, conhecesse a dos «pueblos del Plata.»

No Uruguay, o sr. Root viu ser vaiado o presidente da nação, e na Argentina, elle deve ter notado como a irrequieta e linda rapariga que é a capital prefere as pedras ás flôres e lhe manda, num documento official,

anexos porcamente offensivos aos bons e simples visinhos que nós somos.

Tambem no mesmo momento em que o ministro esteve no *goso* da mais perfeita saúde moral dos nossos «hermanos», notou, de certo, que, por um lado, elles lhe davam essa alta medida infallivel de contraste, e, por outro, nós, pelo espirito civilisado do ministro do Exterior, reuniamos em sincera ou, melhor, em festa de familia, as illustres mentalidades que os representam na Conferencia.

O sr. Root ha de ter visto que as travessuras dos «hermanos» são logicas. Elles não gostam da Avenida, do sr. Passos, que nos refórma a cidade, do sr. Rio Branco, que nos arranhou as embaixadas, o cardinalato e a proeminencia continental. Sobretudo, do sr. Rio Branco, que os amóla com o seu prestigio perante as nações cultas.

Na entrevista, quasi toda inventada, do *reporter* de *La Nacion* com o sr. Affonso Penna, uma das mais calculadas perguntas foi si o vencedor do sr. Zebalos continuaria na pasta...

*

A primeira parte da correspondencia do *reporter* trata da recepção do sr. Root, e termina:

«Volviendo á lo primero, aquí convendrá decir lo contrario, pero puedo asegurar que la recepción de mr. Root no ha tenido la importancia que se esperaba.»

*

Esse numero de *La Nacion* é um encanto.

Os nossos «hermanos» inventaram aquellas coisas contra o prudente sr. Rio Branco. Em compensação, num bello editorial, arvoram-se em defensores das suas angelicas intenções, uma vez que acharam mais digno sustentar que o nosso ministro do Exterior houvera dito que paizes incapazes de ser governados não devem existir.

Aqui está, no seu delicioso original, a defeza das boas intenções que o sr. Rio Branco infiltrou naquella feroz sentença:

«El ministro no aplicaba sus observaciones á un país determinado, con el objeto de negarle derecho á la existencia. Planteaba una hipótesis para demostrar que el estado permanente de guerra y anarquía es inconciliabile con la civilización, mientras puede llegar á constituir un serio peligro y una amenaza contras las demás naciones.

¿No es eso precisamente lo que entendieron los Estados Unidos, vecinos de Cuba, cuando intervinieron en la contienda de la España por mantener allí su antigua dominación?

Enunció, además, el señor Río Branco, la idea de un acuerdo entre las repúblicas más adelantadas y fuertes de esta parte del continente, con el fin de ejercer cierta influencia sobre las demás, en el sentido de evitar que se ocurra frecuentemente á la lucha armada para dirimir cuestiones domésticas.»



O ALMIRANTE (93)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXX

A marqueza passeava inquieta pela avenida de jaqueiras, parava por momentos contemplando melancolicamente os pequenos tumulos dos filhos, como si evocasse a saudade para dispersar as idéas que a preocupavam, e continuava agitada a perigrinar pelo arvoredado, cuja folhagem marcava, no chão varrido, largas manchas de sombra em contraste com a exuberante claridade do sol a pino. Chegando ao bambual, ella deixou-se cair num banco e lançou ao *cható* deserto, como um ninho abandonado, um demorado olhar magoado, lamentando a ausencia de Oscar e Hortencia, separados della pelo oceano immenso. A cada momento, ella consultava o relógio esmaltado que lhe pendia do pescoço, preso a um forte trançalim de ouro.

Dessa contemplação fatigada e ansiosa arrancou-a a subita presença de Amelia, cujos cabellos tinham embranquecidos rapidamente, emoldurando-lhe o rosto pallido, de uma magreza de santa, sulcado de rugas precoces, illuminado pelos olhos, a brilharem com um fulgor parado e fixo nos grandes discos de olheiras roxas.

—A senhora aqui, a estas horas, com este sol abraçador?—disse ella, com voz entrecortada pelo arfar do seio cançado e depositando sobre o banco dois livros de oração, envoltos em sobreca de sarja negra.

—Estava sósinha em casa, asphyxiada por este horrivel calor. Vim em busca de ar—respondeu a marqueza, afastando-se para dar-lhe logar.—Vieste a proposito para me ajudares a esperar.

—Estive até agóra em uma conferencia com o vigario tratando do programma da festa do Sagrado Coração e da eleição da irmandade, procurando conciliar as pretenções das candidatas, que são muitas. A senhora não pôde fazer uma idéa dos euredos, das

intriguinhas que tem havido por causa disso: todas fazem questão das honrarias, ambicionam os cargos mais elevados sómente para figurarem porque bem poucas tomam a serio os deveres, as obrigações da confraria. Chega a ser uma vergonha a audacia de certas sujeitas que pretendem fazer da religião um objecto de luxo, um meio de satisfazer vaidades... E não chegámos ainda a um accôrdo.. Imaginem que uma das mais pretenciosas e mais intrasigentes é Dolores...

—Dolores?! Como vae ella? Depois da partida de Oscar, não se dignou mais apparecer...

—Ficou talvez envergonhada pelo desfructe a que se deu com aquella scena de desespero, pretendendo atirar-se ao mar, quando o vapor que conduzia Oscar e Hortencia levantou ferro.

—Coitada... Aquillo foi um ataque de nervos.

—Um accesso de loucura— diga antes— do qual não se restabeceu mais. Aquella está doida varrida. E' mais uma victima do tal dr. Valente.

A marqueza estremeceu ligeiramente e observou:

—Não fales assim, Amelia. Noto que ficaste muito intolerante depois que te dedicaste á Egreja:

—Intolerante não. Eu sou justa. Serei talvez severa, mas não me posso conter deante de hypocrisias. Pois eu posso lá acreditar na sinceridade de Dolores, na sua piedade?... A Clarinha me disse que ella tinha muita razão de agarrar-se com Deus para obter perdão dos muitos peccados que lhe pezam na consciencia. Não sabe o que ella andou dizendo de mim? Que era uma despeitada com o casamento de Hortencia, quando a senhora melhor do que ninguem sabe que não me casei com Oscar porque não quiz... Eu, despeitada, eu que até concorri para aquella alliança, muito embóra lhe reconhecesse a desigualdade! Essa falsidade sómente poderia accorrer áquella mulher, que julga as outras por si.. Eu sou despeitada, mas quem tentou atirar-se ao mar foi ella...

Amelia dilatou os labios breves, seccos, num aspero sorriso de ironia mordaz, e continuou:

—Ella ouza falar-me; trata-me com excessiva amabilidade; é toda carinhos e doçuras quando está na minha presença, mas eu sei que, pelas costas, não me poupa. Si eu quizesse imital-a, diria coisas que eu sei e que não são calumnias. Imagine, minha querida marqueza, que se falou della com o nosso amigo padre Paulo...

—Que me dizes?...

—Pura verdade. E agóra deu para

se desmanchar em namoros com o Sergio de Lima, que ella quizera impingir a Hortencia, servindo de recadeira entre os dois. Agóra, como descobriu a inclinação delle pela Laura, intromette-se, com o maior desplante, como um obstaculo. O demonio da mulher parece que tem a mania de ambicionar noivos alheios... Pois é uma creatura dessas—Deus me perdõe — que pretende ser nada mais nada menos do que mestra de noviças da nossa irmandade... Um escandalo!...

Amelia retirou as luvas negras das mãos, muito alvas, muito finas, cortadas de grossas veias azues.

—E teve a coragem de pedir para isso a minha intervenção, a minha influencia—proseguiu ella, abrindo um dos livros, procurando alguma coisa entre as innumeradas gravuras de santos que lhe marcavam as paginas—Tinha aqui, mas não sei onde o botei, um bilhetinho muito amavel em que ella me pedia esse despropósito...

—Acho que és demasiado severa com a pobre Dolores; acceitas com facilidade tudo quanto os detractores inventam...

—A senhora tem muito boa fé e um fraco antigo por ella; acha-lhe graça nos menores gestos, na linguagem, naquellas maneiras desenvolvidas...

—Olha, minha querida: eu não sou benevolente, julgo sempre com calma, com criterio proprio. Não ha duvida que Dolores me sedúz, me encanta, mas isto não váe ao ponto de desconhecer os seus defeitos, que são muitos, e que eu, de boa vontade, perdõo. Não te deixes impressionar pelo que se diz.

A marqueza, obedecendo ao intuito de procurar uma diversão attenuante da idéa fixa que lhe opprimia o espirito, entrou a falar com excessiva animação dos maldizentes, que eram como cães vadios. O primeiro, sem motivo apparente ou por sentir num transeunte desconhecido, qualquer coisa irritante dos seus instinctos, aggride-o com insolita vehemencia. Os latidos attráem outros. Os que vêem chegando affectam maneiras de uma surpresa indignada, como si soubessem de um inaudito attentado, como si estivessem deante de um odioso inimigo da especie. A ferocidade augmenta na razão directa da matilha em assédio implacavel para vingança da offensa que nenhum dos maldizentes conhece individualmente. Oh, a maledicencia, a maledicencia de sacristia, a maledicencia que se desenvolve em virulencia, esgueirando-se despercebida nas sombras mysticas dos sagrados recintos, sob os véos suavissimos da piedada...

Amelia não ouzava interromper a marqueza, ouviu-a sem um gesto, sem

um signal de protesto, de olhos fixos no chão varrido marcado de manchas sombrias, de luminosos discos incandescentes. Subjugada pela affectuosa auctoridade daquella senhora que o maior amigo da familia, ella conteve os impetos de referir o que sabia, os incidentes da paixão que lhe fôra confessada pela propria Dolores num lance de audacia desesperada.

—Eu não te levo a mal—continuou a marqueza, amiegando a vóz num tom de conselho maternal—esse exaggero natural dos teus melindres religiosos, desses melindres que te obliteram os sentimentos de caridade, o teu criterio de mulher pura, irritada contra todas as creaturas que se te figuram contaminadas de peccados, doentes d'alma dignos de compaixão, dignos de perdão. Dolores é uma enferma infeliz, victima da sua levianidade do seu desdém pelos perigos, pelos incidentes do caminho da vida, disfarçados sob flôres.

PAGINAS ESQUECIDAS

CANTO EXTREMO DE UM CEGO

Eu tinha um unico amigo,
Tinha só um e não mais;
Vivia sempre commigo
No exilio da desventra:
Por mais feliz creatura
Não me deixava jámais.

Na minha infancia primeira,
Meus débeis passos guiou;
Na pobreza, na cegueira
Meu condão amenisava:
E quando a esmola faltava
Elle nunca me faltou.

Era o meu unico affecto,
Na cegueira o meu bordão;
De baixo do humilde tecto,
Quando a febre me mostrava,
Quem dos meus males cuidava,
Era só elle — o meu cão.

Todo o dia hontem chamei-o,
Não latiu... não respondeu!
Já, como d'autes, não veiu!
Quem sabe se anda perdido,
Ou d'algun ferro transido
Quem sabe se não morreu?

Ou quem sabe se a velhice
Do cego o amedrontou?
Talvez, o ingrato... o que disse?
Chamei-te de ingrato! amigo,
Perdão! não sei o que digo,
Que nem já sei o que sou!

Ingrato — não. Tu não tinhas,
Na pelle involta de cão
Uma irmã destas mesquinhas
Afeições vis — dos traidores,
Que vão sorrir aos senhores
Nos régios palacios, não!

Ai de mim, tão desgraçado
Que nunca mais te hei de ter!
Quem hoje ao cego acordado
Ao pezo de tantos annos,
Quem virá dentre os humanos
Piedosa mão lhe estender?!

Quem lhe ha de guiar os passos
Mendingando o escasso pão?
Ou quem lhe ha de abrir os braços
Quando, á mingua de alimento,
Ficar na rua ao relento?
Ninguém, ninguém... nem um cão!

Quem me vir o meu *Pardinho*,
Por piedade, pelos céus!
Tenha dó do coitadinho,
Que talvez definhe á fome,
E dê-lhe do pão que come
Uma migalha, por Deus!

Mas se o topar moribundo,
Pelo amor que a mãe lhe tem!...
Diga-lhe que neste mundo
O cego que elle guiou,
Quando o seu cão lhe faltou
Morreu de fome tambem!

BRUNO SEABRA.

* * *

COMO SE FAZ UM GENTLEMAN CONFORME ENSINA UM EDUCADOR PORTUGUEZ

A arte de regular as maneiras por meio de uma combinação feita entre a nossa organização e a nossa vontade é uma das mais importantes cousas que se devem conhecer. Ha homens que, sem plausivelmente sabermos porque, alcançam tudo quanto querem nas pretensões do Estado, nas transacções commerciaes, nas attencções das salas.

Emerson, o celebre escriptor americano, observando que os individuos que mais frequentemente obtêm esses triumphos não são os mais intelligentes, nem os mais bellos, nem os mais honrados, averigua com muita logica que o successo das nossas aspirações na sociedade depende principalmente do nosso porte. Por tal razão Emerson define as maneiras — Talento de dominar.

No modo como nós nos vestimos, como falamos, como olhamos, como nos movemos, ha effectivamente uma especie de indefinido magnetismo a cuja influencia não pode furtar-se quem se lhe sujeita.

Napoleão I aprendia em licções particulares com Talma o melhor modo de traçar o manto e de se sentar no throno.

Madame de Girardin, escrevendo na *Presse* as cartas do Vicomte de Lannay, deu aos seus compatriotas as mais delicadas regras do *maintien*.

Balzac deixou entre os seus trabalhos inéditos um importantissimo capitulo intitulado *A theoria do modo de andar*.

Carlos Dickens, por ocasião de uma viagem aos Estados Unidos, achou util explicar aos americanos, entre outros preceitos de civilidade, que não era de bom gôsto quando se estão vendo estatuas, bater nos marmores com as bengalas.

*

Em Portugal todas essas cousas se apprendem nas escholas de instrucção primaria, e da disciplina formada do conjunto desses preceitos são os alumnos devidamente examinados nos lycæus nacionaes.

O mestre das maneiras portuguezas não é Talma, nem madame de Girardin, nem Balzac, nem Emerson, nem Carlos Dickens. E' simplesmente o sr. Felix Pereira, medico, engenheiro civil e agronomo.

Vejam algumas dessas leis que as creanças decoram para os seus exames e pelas quaes os adultos se governam nas suas correlações sociaes.

*

Para que o sujeito possa a todos os respeitos considerar-se um *gentleman*, acha conveniente o sr. João Felix :

1º — Que elle faça a barba.

2º — Que se não ponha á janella em mangas de camisa nem com o pescoço descoberto.

3º — Que quando escarrar o não faça sobre a cara da pessoa com quem fale (*maximé* se é uma pessoa de respeito !)

4º — Que não tenha os olhos em contínuo movimento.

5º — Que nos jantares de etiqueta não limpe os ouvidos com o palito com que houver de palitar os dentes.

6º — Que não arrote á mesa.

*

O sr. João Felix especifica ainda, com um escrupulo pelo qual nunca lhe poderemos votar o sufficiente reconhecimento, que *deante de gente de respeito se não cortem as unhas*.

E assim é! Achando-nos na presença de pessoas que respeitamos, como *verbi gratia* : Sua Magestade el-rei, um principe estrangeiro, um embaixador ou uma rainha, o pôrmo'-nos repentinamente a cortar as unhas — principalmente sendo estas as dos pés — poderia ser tido por acto menos palaciano.

Se o sr. João Felix nos permittisse um leve appendice aos seus conspi-

cuos preceitos, diriamos que cortar os callos, nos parece tambem operação que, só em caso de muita necessidade, nos deveremos permittir no meio de grandes assembléas.

Quando se transpire depois da valsa, mudar de camisa no meio de um salão sem préviamente haver obtido para esse fim a permissão da dona da casa, egualmente nos occorre que poderia por alguns ser talvez arguido como acto de menos etiqueta...

*

Tratando do modo de proceder á mesa do jantar faz o sr. João Felix Pereira duas observações muitissimo sábias.

A primeira é que *não tomemos pitadas de rapé pelo meio das cousas que estivermos comendo*.

Comprehemde-se todo o alcance desta advertencia reparando-se, por um só momento que seja, nos equivocos a que podia dar origem a concorrência do rapé com os acepipes, resultando por exemplo lançar-se a pitada sobre a salada e metter-se no nariz beterrabas !

A segunda advertencia é que *nunca mettamos bocado nenhum na bôcca emquanto não tivermos engulido o bocado antecedente*. Ninguém imagina sem o ter experimentado quanto importa ser cauteloso na materia deste capitulo ! Mettendo na bôcca os boccados sem tomarmos a deliberação de os irmos successivamente engulindo, chegamos por espaço de tempos a uma indefinida agglomeração de boccados dentro da nossa bôcca. As pessoas que insistem por tenaz grosseria em não engulirem os boccados que vão mettendo consecutivamente na bôcca, caem ao cabo de alguns dias dessa terrivel incuria na dura necessidade de depositarem os boccados antigos que tenham entre a maxilla superior e a maxilla inferior, afim de receberem boccados novos. Quando isto haja de se fazer convem que se tenha em vista o que o sr. João Felix discretamente consigna com respeito aos escarros, isto é : que taes esvaziamentos se façam o menos que ser possa sobre os penteados das pessoas que nos cercem, e muito mais particularmente quando estas tenham tido a precaução de nos advertir de que taes depositos feitos sobre as suas cabeças lhes in-

spiram idéas asquerosas. Neste caso toda a insistencia da nossa parte correria o perigo de ser taxada de menos cortez.

*

Depois do que fica exposto nada mais nos resta para aprender do modo como nos devemos apresentar na sociedade, a não ser o que o mesmo sr. João Felix nos determina com relação ao nosso corpo, e isto importa muito que se saiba de cór. Vem a ser :

«Conservemos direito o nosso corpo, qualquer que seja a sua postura, em pé, sentado, de joelhos : não inclinem a cabeça, já para um, já para outro lado : se nos fôr preciso fazel-o, façamol-o com toda a gravidade.»

Seria muito para desejar que no gremio das sociedades cultas se conhecesse que tal doutrina começava a fructificar ouvindo-se de quando em quando as seguintes vozes :

«Meus senhores e minhas senhoras, permittam-me vossas senhorias ou vossas excellencias (segundo o tratamento que lhes convier pelas disposições a tal respeito do capitulo VII do grande livro do sr. João Felix Pereira sobre a civilidade) que eu lhes exponha um caso. Achando-me desde que entrei nesta sala com a cabeça voltada a N. N. O. — ponto A — e acabando de ser chamado a N. — ponto B. — pela illustrissima e excellentissima senhora d. Joaquina, espero que a sociedade não tome por desfeita o excesso aparentemente inexplicavel em que vou romper inclinando levemente a cabeça do ponto *a* para o ponto *b*.»

E só depois de havida a competente vénia dos circumstantes, o supplicante se permitta inclinar-se levemente a d. Joaquina.

E' o que pede a morigeração e a decencia.

1871.

RAMALHO ORTIGÃO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

**

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

VERSOS PARA EMBARCAR

Tudo, tudo váe mal, e tudo é uma viella,
E um becco escuro, e um charco immundo, e um triste horror,
Pois que bom d'embarcar, um dia, a toda a véla,
E fugir, e fugir, seja para onde fôr.

Não ha como embarcar. A vida é um navio
Doido, a querer partir, mordendo ao pé do cáes,
Vélas estão a encher, sopra o nordeste frio,
Quando é que partes, ó navio, quando sáes ?

Não ha como embarcar. Do alto duma equipagem
Ver o mundo ! correr o mundo ! viajar...
Poder dizer que foi a Vida uma viagem,
Que começou no mar, que se acabou no mar...

Não ha como embarcar. Desesp'rados d'insomnia,
Enervados de dôr, que ancia d'ir para além,
O' tísicos, morrer aos pés de Babylonia,
Nos muros de Sichém ou de Jerusalém ?

Não ha como embarcar. Para onde quer que seja,
Para o desterro, mil perigos através,
Quando os miseros vão, é com olhos d'inveja,
Que eu os vejo partir de corrente nos pés...

Sempre que avisto o mar com as ondas inquietas,
Sempre que o vejo assim, não sei porque será,
Mas tenho as ambições mais doidas, mais secretas,
Loucuras de poder inda fugir p'ra lá !

A' mercê e ao furor das ondas e dos ventos,
Havia de correr o mar que não tem fim,
Como Ulysses ; porém, ó tragicos momentos,
Sem ter uma mulher que chorasse por mim !

De pé, no tombadillo, em frente, á minha vista,
Eu veria passar o que não vi jámais,
A não ser através dos meus sonhos d'artista,
— Encarnações febris, diademas imperiaes...

E cegueira ideal e vã de quem se esconde,
E loucura de quem fugiu duma prisão,
E doido, sem saber de nada, nem para onde,
A correr, a correr atraz duma illusão !

O' terras de mysterio, ó terras de mantilha,
O' terras onde o céu é como a flôr de liz,
Quem me déra dormir, folhas de mancenilha,
Debaixo de teu manto azul d'imperatriz !

Reinos antigos, ó paizagens de romance,
Como uma rosa que fenece num jardim,
Ah que bom ! ah que bom de vel-os de relance,
Com castellos feudaes, com torres de marfim !

Rainhas como flôr, graciosas donzellas,
Com gestos e com voz que me cauzam prazer,
Como seria bom que anciado para vel-as,
Eu as vendo uma vez, não as tornasse a ver...

Eu não sei, eu não sei para onde fugiria,
Eu não sei, eu não sei o que ia ser de mi ;
Quem me déra, porém, que logo fôsse o dia
De poder embarcar e de fugir daqui !

Quem déra que fôsse hoje ! E enquanto a não sulcasse
De procelloso mar entre uivos e baldões,
Eu poder, sem terror, olhando face a face
O abysmo, descrever as minhas impressões !

E' bem possivel que eu, arriscando na sorte,
Notasse que por fim só me saía o azar,
E o diabo, e tudo, e o mais, e tudo, e a propria morte,
E ainda tudo ; porém, que ancia de viajar !

Oitubro de 1905.

EMILIANO PERNETTA.

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Torneio internacional de Ostende. — O 2º Congresso de Ostende terminou a sua tarefa, após 31 dias de jogo. Foi vencedor o illustre mestre SCHLECHTER. De accordo com o programma que publicámos nos numeros anteriores desta revista, depois do 1º turno, o grupo A jogou contra o grupo C e o grupo B contra o grupo D, resultando serem eliminados nesta prova: Blackburne, Duras, John, Marco, Suchting, Mises, Tschigorine e Wolf.

Em seguida, o grupo A jogou contra o D e B contra C e os jogadores cada de grupo ainda jogaram entre si; fõram eliminados: Leonhardt, Fahrni, Johner, Spielmann, Snosko-Boroswski, Swiderski e Salve.

Finalmente, o ultimo turno foi jogado entre os nove restantes, sendo admittidos, por equidade, Marshall, Janowski e o dr. Perlis, que, pelas condições estabelecidas, deveriam tambem ser eliminados, sendo creados mais tres premios.

Este ultimo turno teve o seguinte resultado:

CONCURRENTES	TOTAL PRECEDENTE	SCHLECHTER	Maroczi	Burn	Rubenstein	Bernstein	Teichmann	Marshall	Janowski	Dr. Perlis	TOTAL	PREMIOS
SCHLECHTER...	15	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	21	4.000 frs.
Maroczi.....	15 1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	20	2.500 "
Burn.....	14	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	19	1.250 "
Rubenstein...	14 1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	19	1.250 "
Bernstein.....	13	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	18	800 "
Teichmann...	13	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	17	700 "
Marshall.....	13	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	16 1/2	600 "
Janowski.....	13	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	16	500 "
Dr. Perlis....	12 1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	14	450 "

Teichmann, que ha pouco nos visitou, chegou bem collocado, tendo abaixo de si, mestres como Marshall e Janowski, já não falando que fõram eliminados campeões afamados, como Blackburne, Duras, Marco, Mises, Tschigorine e Wolf.

Schlechter, além do premio de 4.000 francos, ganhou tambem uma medalha de

ouro. No ultimo turno não perdeu nenhuma partida e Teichmann que neste empaton com elle, ganhou no primeiro turno.

Por aqui se pôde mais uma vez avaliar da força do nosso campeão dr. Caldas Vianna, que Teichmann não pôde vencer.

— O congresso organizou outros turnos, como dissemos. Nos de amadores fõram vencedores em 1º lugar Sherils e Eljaschoff e no de senhoras a senhorita Ellis.

Novo torneio internacional. Em julho realizou-se, em Nuremberg, um outro torneio internacional de mestres. E' o 15º congresso da Associação allemã de xadrez, que se abriu a 21 daquelle mez. Falou-se, como dissemos, em realizar um torneio para o campeonato; mas a idéa foi abandonada. Para o de mestres houve 9 premios de 2.500 mks. a 100. Dos mestres que entraram no torneio de Ostende, 16 se haviam inscripto e, além desses, dois novos, o dr. Tarrash e Vidmar. Daremos noticia opportunamente do resultado.

Pillsbury. A perda deste grande mestre é vivamente lamentada no mundo enxadrístico. O seu fallecimento teve lugar a 17 de junho passado, em Frankford, Pen. Tendo nascido em Somerville, perto de Boston, a 5 de dezembro de 1872, Pillsbury tinha 34 annos.

As suas victorias são numerosas em grandes torneios. Ainda em 1895, no torneio de Hastings, deixou atraz de si Tschigorine, o dr. E. Lasker, o dr. Tarrasch e Steinitz. Em Moscow, a 14 de novembro de 1902, jogou, como já aqui dissemos, 22 partidas simultaneas, sem ver os taboleiros, com o resultado de 17 ganhas, 4 nullas e 1 perdida! A's vezes jogava ao mesmo tempo, sem ver, 10 partidas de xadrez, 6 de damas e uma de whist e fazia outras proezas de igual jaez.

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

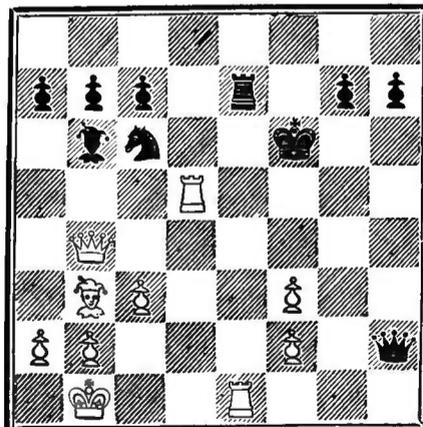
Começou no dia 19 o torneio do Club dos Diarios desta capital. Inscreveram-se 10 socios desse Club: Henrique Costa, Theophilo Torres, W. B. Hentz, Annibal da Costa Pereira, Augusto Loup, Barten Allan, A. Burlamaqui, E. Tito de Sá, Vicente de Ouro Preto e Quintino Bocayuva Junior.

No proximo numero, daremos o resultado.

ERRATA

O brilhante *final de partida* do dr. Caldas Vianna, que publicámos no num. passado, trouxe uma incorrecção que os leitores certamente corrigiram: a D. branca, que está a 2 T R (lado das Brancas), não é branca, é preta. Reproduzimos o diagramma rectificado.

PRETAS (Alfredo Ferreira)
10 peças



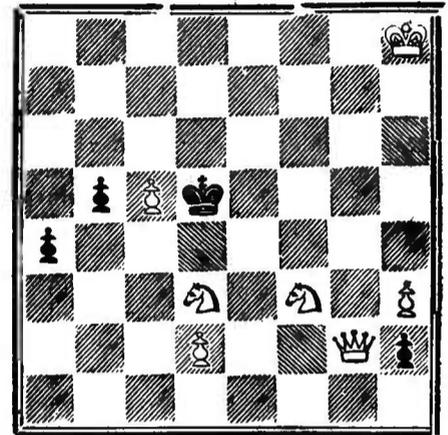
BRANCAS (Dr. Caldas Vianna)
10 peças

As Brancas jogam e dão mate em 6 lances

PROBLEMA N. 61

F. W. Wynne.

PRETAS (4)



BRANCAS (7)

Mate em tres lances

PARTIDA N. 67

(Jogada no torneio de Ostende, a 7 de junho de 1906)

PARTIDA VIENNENSE

Brancas (Mises)	Pretas (Tschigorine)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B D — 2 —	C 3 B D
B 4 B D — 3 —	B 4 B D
D 4 C R — 4 —	D 3 B R (a)
C 5 D — 5 —	D X P x
R 1 D — 6 —	R 1 B
C 3 T R — 7 —	D 5 D
P 3 D — 8 —	P 3 D
D 4 T R — 9 —	B X C
D X B — 10 —	C 4 T D? (b)
T 1 B R! (c) — 11 —	C X B
D 7 D — 12 —	P 3 B R (d)
C X P B R!! — 13 —	D 7 B R (e)
T X D — 14 —	B X T
C 5 T R — 15 —	abandonam

(a) Resposta sufficiente ao ataque das Brancas. (G.)

(b) Deviam ter jogado: 10... D 7 B R; 11 — B 3 R, B X B; 12 — C X B, C 5 D; 13 — T 1 B R, D 7 R x; 14 — R 1 B, C 3 B R etc. (M.)

(c) Mises é celebre pela dextreza com que condúz ataques deste genero; elle deve ter previsto o mate pelo sacrificio do B. (G.)

(d) Si 12... C 3 B R; 13 — D 7 R x, R 1 C; 14 — C X C x, P X C; 15 — D 6 B X P, T 1 B R; 16 — D 5 C R mate. (H.)

(e) Lance desesperado; si 13... C X C; 14 — T X C x, P X T; 15 — B 6 T R x e mate no lance seguinte. (H.)

(Notas de Gunsberg, Hoffer e Marco.)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 60 (Konrad Erlin): 1 — D 7 T R, R X C (a, b, c); 2 — D X P, R 2 R; 3 — D 8 R mate.

(a) 1... R 4 R; 2 — B 3 C D, P 5 T; 3 — P 4 B R mate.

(b) 1... R 5 B; 2 — D 7 C D, ?; 3 — D ou B mate.

(c) 1... P 5 T; 2 — D 5 B R x, R 5 B; 3 — D 5 C D mate.

JOSÉ GETULIO.